



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

QUESTÕES DE GÊNERO: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES A RESPEITO DO TEMA TRANSGÊNERO/TRANSEXUALIDADE EM UMA ESCOLA DO BREJO PARAIBANO.

Ronaldo Rodrigues Coelho Júnior (1); Ciro Caleb Barbosa Gomes (2)

*Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Agrárias, Campus II, juniorcrr@hotmail.com;
caleb_ciro@hotmail.com*

RESUMO: Diante das reflexões e da emergência de tratar sobre as questões de gênero no ambiente escolar esse trabalho pretende analisar a visão de alunos(as) de três turmas de 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ministro José Américo de Almeida na cidade de Areia PB com relação ao entendimento de cada um deles(as) a respeito de pessoas que se apresentam como transgênero/transsexual. Foi aplicado um questionário estruturado no período de 2(dois) dias, sendo aplicado no primeiro dia na turma do 3º “A” e no segundo dia tendo sido submetido às turmas do 3º “B” e “C”. O questionário apresenta a primeira questão direta com opção discursiva, a segunda questão exclusivamente objetiva e a terceira e última questão sendo apenas discursiva. Logo, o estudo feito abre espaço para muitos outros questionamentos que nascem da inquietação promovida pela pesquisa.

Palavras-chaves: educação, identidade de gênero, sexualidade, travesti, identidade de gênero .

INTRODUÇÃO

Desde meados dos anos de 1960, deu-se início um processo de aprofundamento das mudanças sociais no que se refere as questões de comportamento humano e à sexualidade. Dois grandes movimentos sociais contribuíram diretamente para essas transformações: o movimento feminista e, mais tarde, o movimento gay e lésbico (CASTRO M.; ABRAMOVAY M. & SILVA, L. B.2004). Ainda nos dias de hoje, vivenciamos um momento de transição e de profundas mudanças dos paradigmas de comportamento sexual e afetivo da sociedade.

Tendo em vista a compreensão dessas transmutações entende-se como sexualidade humana o conjunto de expressões de desejos e prazeres. Envolve preferências, predisposições e experiências físicas e comportamentais, orientadas a sujeitos do sexo oposto, do mesmo sexo ou de ambos os sexos (CARVALHO, M. E. P. de; ANDRADE, F. C. B. de; JUNQUEIRA, R. D; 2009.). A sexualidade tem grande relevância no desenvolvimento e amadurecimento da



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

vida psíquica dos indivíduos, sendo “entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito” (ABREU, A. R.; PEREIRA, M. C.; SOARES, M. T; NOGUEIRA, N.; 2001).

Abordar e discutir as questões de sexualidade implica entender como ela se manifesta nas relações de gênero e poder em uma cultura androcêntrica e historicamente patriarcal. Ainda conforme Carvalho et al. (2009) o gênero “é uma estrutura de dominação simbólica, materializada na organização social e nos corpos, resultante de um processo de construção sociocultural com base nas diferenças sexuais percebidas. Implica relação (masculino x feminino), dicotomia, assimetria, desigualdade, polarização e hierarquia”.

Desse modo, ao “contrário da crença adotada por algumas vertentes científicas, compreende-se que a vivência de um gênero (construção social/cultural) discordante com o que se esperaria de alguém ou de determinado sexo (biológico) é uma questão de identidade, e não de transtorno” (JESUS, 2012.). Logo, todas as “pessoas cujas identidades de gênero são construídas em conflito com as normas de gênero, fundadas no dimorfismo sexual, segundo o qual só existiriam corpos naturalmente de machos ou de fêmeas” seriam incluídas na categoria comumente denominada de transgênero, o qual é assim citada na por Carvalho et al. (2009), a qual ainda define que essa categoria “inclui travestis, transexuais, intersexos, andróginos, transformistas etc.”. Trata-se de uma categorização e de um fenômeno social que devem ser compreendidos a partir da percepção de identidade de gênero e não confundidos como expressões da orientação sexual homossexual.

Segundo Dias (2001), a homossexualidade “é formada pela raiz da palavra grega *homo*, que quer dizer semelhante, e pela palavra latina *sexus*, passando a significar ‘sexualidade semelhante’. Exprime tanto a ideia de semelhança, igual, análogo, ou seja, homólogo ou



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

semelhante ao sexo que a pessoa almeja ter, como também significa a sexualidade exercida com uma pessoa do mesmo sexo”.

Conforme citado por Barbosa (2010) em seu levantamento bibliográfico “travestis e transexuais têm sido objeto de diversos estudos no Brasil desde há pelo menos vinte anos”. Diversos foram os temas abordados no que tange a este assunto. Discutiu-se a violência, as DST’s, a prostituição, a relação destas pessoas com o binarismo de gênero em voga em nossa sociedade, etc., contudo os estudos não buscaram apontar a percepção de estudantes a respeito do tema transgênero/transsexual no ambiente escolar. Em face da literatura disponível, é perceptível a escassez de informações no assunto referido, sendo necessária a pesquisa dessa temática elucidando a compreensão dessa questão relativamente recente no meio acadêmico.

OBJETIVO

A intensão e o objetivo deste estudo é discutir e buscar analisar mediante a leitura e o referencial teórico, disponível algumas das respostas que obtivemos com a pesquisa realizada com os(as) alunos(as) das turmas do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ministro José Américo de Almeida (E. E. E. F. M. Ministro José Américo de Almeida), com relação ao entendimento dos mesmos sobre uma pessoa ser transgênero/transsexual.

METODOLOGIA

Foi aplicado um questionário estruturado na E. E. E. F. M. Ministro José Américo, no mês de agosto, em dois momentos, no período de 2 (dois) dias, sendo aplicado no primeiro dia na turma do 3º “A” e no segundo dia tendo sido submetido às turmas do 3º “B” e “C”. A escola alvo, também, já foi o prédio em que operava como a cadeia pública da cidade de Areia no estado da Paraíba, situada na Av. Hilton Souto Maior, em frente a praça José Américo de Almeida, no Centro, encontrando-se em uma área urbana com pouco mais de 23.000 habitantes (IBGE, 2014). A instituição de ensino é popularmente conhecida pela população como Escola Estadual. A maioria dos/as estudantes areenses concluem o ensino médio em



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

escolas públicas, sendo a escola fonte do estudo um dos principais centros de ensino da cidade. Seu contingente geralmente são alunos/as da própria cidade e alguns alunos/as provenientes da região rural. O questionário apresenta a primeira questão direta com opção discursiva, a segunda questão exclusivamente objetiva e a terceira e última questão sendo apenas discursiva. A motivação da escolha deste público de alunos(as) do 3º ano do Ensino Médio, ocorreu em virtude do fato de que a totalidade desses(as) discentes já atravessou satisfatoriamente as séries de ensino, podendo porventura, em algum momento deste percurso escolar ter tido contato, seja através de aulas, palestras, debates ou eventos, com os temas transversais direta ou indiretamente relacionados a sexualidade e/ou transexualidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o Art. 5º da “Constituição Federal”, que estabelece a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza – entendendo-se aqui inclusive as diferenças quanto a sexo, orientação sexual e identidade de gênero. (CNCD/LGBT, Resolução nº 12, 2015). Um desses âmbitos da sociedade organizada é o ambiente educacional, uma vez que apresenta, ou deveria se propor a apresentar-se, como instrumento para a construção de uma sociedade crítica pautada no desenvolvimento de práticas pelo respeito à diversidade e aos direitos humanos (JUNQUEIRA *et al*, 2009). Isto posto, é importante destacar que a escola transmite e constrói conhecimento, na medida que reproduz rótulos sociais dominantes

Diante da problematização nota-se que os direitos relativos as questões de gênero e identidade de gênero têm sido suprimidas do tratamento com pessoas transexuais/transgêneros, sendo tratada como um tabu no ambiente escolar, onde verifica-se quase total desconhecimento no que tange ao assunto.

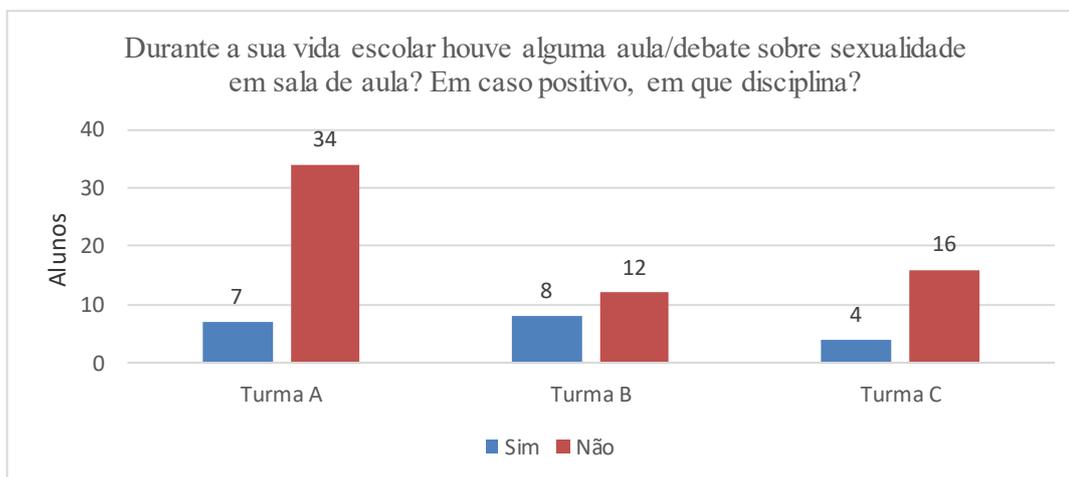
Na tentativa de visualizar essas questões em evidência, submetemos um questionário nas turmas dos 3º (ano) “A, B, C” do período da tarde do Ministro José Américo, composta em sua totalidade de; Turma “A” 41 Alunos, identificados 25 meninos e 16 meninas, na faixa etária de 16 a 19 anos; Turma “B” 20 Alunos, identificados meninos 14 e meninas 6, na faixa



etária de 16 a 19 anos; Turma “C” 20 Alunos, identificados meninos 7 e meninas 13, na faixa etária de 16 a 19 anos.

No primeiro momento foi necessário colher dados sobre as percepções do alunado entrevistado dentro do cotidiano da escola quando se fala em sexualidade, assunto essencial as questões de gênero. Tendo essa visão em mente a primeira pergunta dirigida a turma foi: “Durante a sua vida escolar houve alguma aula/debate sobre sexualidade em sala de aula? Em caso positivo, em que disciplina? ”. As respostas demonstram a deficiência na abordagem do tema em sala de aula como podemos observar no Gráfico1. Os estudantes afirmaram nunca ter participado de ambientes de discussão ligados a sexualidade humana, enquanto apenas uma pequena parcela das turmas, declararam ter tido contato com o assunto em aulas de Ciências Biológicas. É importante destacar que esses estudantes que responderam positivamente a pergunta realizada, ligaram o termo sexualidade a prática sexual, em virtude de assunto ser comumente abordado nas aulas de reprodução humana no conteúdo programático da disciplina de Ciências/Biologia.

Gráfico 1



Segundo Foucault (1988), “o sexo e as práticas sexuais se comportavam como dispositivos da sexualidade, pois o que estava em jogo seria uma rede estabelecida de saber-poder atuando em corpos e sujeitos, o sexo era usado como um discurso sistêmico que poderia tanto produzir



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

um discurso verdadeiro sobre o sexo como por sua vez, poderia se calar, produzindo assim as normalizações e modos de vida”. Nesse sentido, ao se pensar no ambiente escolar atual e na convivência de diferentes grupos sociais. No que se refere à sexualidade, as discussões sejam talvez as mais polêmicas por envolverem muito mais que conceitos científicos diversos: referem-se, muitas vezes, a conceitos dogmáticos, especulativos, preconceituosos, limitados e conservadores, que, aliados a uma formação incipiente por parte das/os educadoras/es, gera a apropriação de um currículo que geralmente ignora, trata com superficialidade ou desconsidera tal perspectiva. Geralmente torna-se comum entre as/os profissionais da educação um posicionamento, se não oposto, pelo menos neutro a respeito da abordagem de tais assuntos. E isso se justifica pela falta de conhecimento, pelos valores arraigados e/ou pelo receio de que o resultado do trabalho seja interpretado negativamente. De acordo com Louro (1997):

É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz. Podemos estender as análises de Foucault, que demonstraram o quanto as escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos cotidianos escolares atuais, nos quais podemos perceber o quanto e como se está tratando (e constituindo) as sexualidades dos sujeitos (p. 81).

A escola é um dos locais para a discussão da homossexualidade. É certo que ela não ampara todos os aspectos da vida sexual, mas essa discussão pode ter consequências e ramificações políticas e pedagógicas nesta e em outras dimensões da vida social.

No segundo instante da entrevista foi realizada a segunda pergunta. Você já conviveu ou convive com algum (a) colega que se apresenta como homossexual/gay na escola? E feita no sentido de analisar as relações entre os alunos e sua posição afirmativa ou negativa na presença ou ausência de colegas que se apresentam enquanto homossexuais/gays na escola. Foi de consenso quase que majoritário o contato dos(as) entrevistados(as) com outros

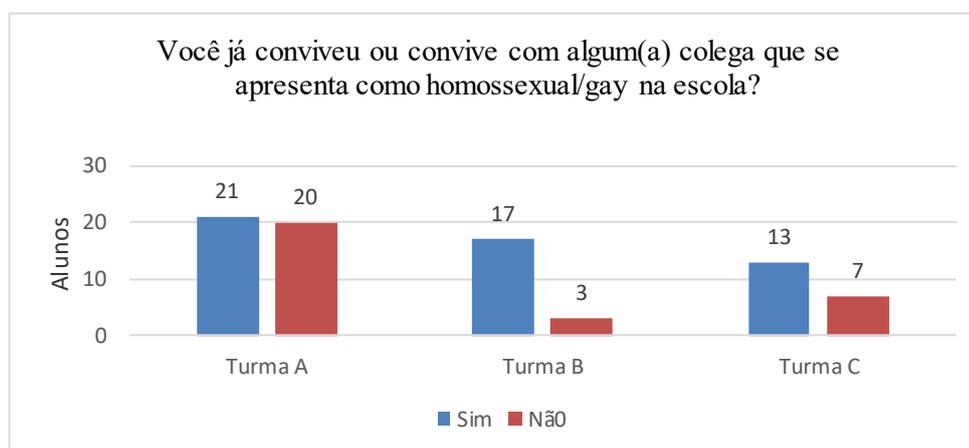


II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

estudantes homossexuais, onde maioria responderam SIM (com exceção da turma A, que houve um importante parcela que disseram não) a esse tipo de convivência e poucos negaram a convivência com homossexuais, como vemos no gráfico 2. O motivo desse comportamento de negação não foi questionado. É possível que o alto percentual de respostas negativas da turma A dos alunos tenha sido motivado pelo medo ou receio dos mesmos de ter o seu nome associado a identidade homossexual, já que isso sempre esteve historicamente coligado a vergonha, a depravação, a doença ou comportamento anormal e fora dos padrões.

Gráfico 2



Dos temas mais difíceis de serem trabalhados é, sem dúvida, a questão que envolve transexuais e travestis a que gera mais polêmica e obscurantismo. Todas as discussões acabam por redundar, de fato, no reconhecimento ou não da forma como esses(as) sujeitos(as) se apresentam. Isso é comprovado nos resultados do terceiro questionamento: “Qual seu entendimento sobre uma pessoa ser transgênero/transexual?” Quando uma grande parcela dos(as) estudantes apresentam alguma opinião sobre o que é uma pessoa que se identifica enquanto travesti/transexual. Entretanto esta questão em foco foi a que mais obtivemos respostas sobre o assunto, contudo alguns alunos responderam não possuir conhecimento sobre o assunto referido ou deixaram de responder, o motivo da resposta negativa não foi questionado.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O não reconhecimento da identidade das(os) travestis e transgênero como uma identidade válida, mas como algo desnecessário, aponta para aquilo que talvez seja a maior barreira para que esse segmento consiga alcançar o exercício pleno de seus direitos e conquistas no ambiente escolar. Se ser travesti/transsexual é algo desnecessário, se não é algo sério ou se essa identidade não é reconhecida, então, não faz sentido pensar no uso do banheiro feminino e masculino, no nome social na chamada e em nenhuma reivindicação que venha atendê-los (as) nesse sentido.

No esforço de contemplar essa demanda o portal do Ministério da Educação (MEC) na internet lançou uma nota no dia 24 de agosto de 2015 em que apoia a inclusão de gênero e orientação sexual nos Planos Nacionais de Educação reafirmando que “os estudos de gênero e sexualidade formam um campo de pesquisa e produção de conhecimento reconhecido internacionalmente, apropriado no Brasil desde a década de 1970. Há mais de 1.000 grupos de pesquisa cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Técnico (CNPq) que tem gênero como um eixo de estudo (...)” (Ministério da Educação, Nota Técnica nº 24/2015). Essas ideias são elucidadas no terceiro questionamento deste trabalho, quando a grande maioria dos(as) estudantes entrevistados demonstram em suas respostas conhecimento superficial diante da pergunta já citada acima. Esse conhecimento obsoleto sobre o tema é verificado em várias afirmações dos(as) estudantes, onde alguns fazem analogia da transexualidade a homossexualidade :

“Transgênero é uma pessoa que gosta de outra do mesmo sexo”;

“Uma pessoa que gosta da mesma pessoa do mesmo sexo, ou seja um homem que se relaciona com homem”.

Essa necessidade de esclarecimento revela que “diferentes áreas de conhecimento investiram e seguem investimento nos conceitos de gêneros e orientação sexual como categoria de análise na História, na Ecologia, na Ciências Políticas, na Economia, No Direito, na Geografia, nas Ciências Biológicas e das Saúde, entre outras. Isso significa que há um volume expressivo de conhecimento já produzido a partir destes conceitos, conhecimento que precisa se incorporado ao currículo escolar, nos seus diferentes componentes e de maneira transversal. Há conteúdos e competências relacionados ao conceito de gênero que pode ser



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

trabalhados de maneiras distintas, nas educação infantil, no ensino fundamental e no ensino médio, em todas as suas diferente modalidades.” (CGDH/DPEDHUC/SECADI/MEC, Nota Técnica nº 24/2015). Uma considerável parte da amostragem revela que algum aluno tem algum conhecimento sobre transexualidade e sabem de alguma forma os procedimentos para readequação sexual de uma pessoa transexual, mesmo que este conhecimento seja muito superficial. As opiniões dos(as) estudantes vem confirmar que ‘a transexualidade é uma ‘problemática’ antiga, mas a atual possibilidade, legal e ética, de ‘mudar de sexo’, tem impulsionado a transexual a buscar intensamente a realização do sonho de extinguir sua discordância sexual. Estimativas sugerem que no mundo cerca de um em cada 30.000 homens adultos buscam a cirurgia de transgenitalização” (PINTO, 2008).

“Uma pessoa transgênero é a pessoas que passa por cirurgias e outros processos capazes de mudar o seu corpo”;

“Transgênero é quando um indivíduo tem um sexo e por não gostar muito do seu jeito de vida eles mudam órgão genital”;

“Uma pessoa que nasce homem ou mulher mais que não aceita como ela é, e usa determinados métodos para se transformar, no que ela realmente que ser. Porém muitas vezes é alvo Violências”;

“São aqueles que optam por cirurgias para mudar seu órgão sexual”.

A cirurgia de adequação sexual responde a expectativa do sexo desejado e idealizado, pois esses sujeitos percebem que podem alcançar a aceitação de si próprios, a integração em seu meio familiar e o reconhecimento da sociedade (SOARES, M. *et al*, 2011).

“Transexual uma pessoa que nasce de em um gênero e vive ou possui característica do gênero opostos ”;

“Transgênero é uma pessoa que muda de sexo, é o mesmo que transexual”;

“Na minha opinião ou ponto de vista, cada um tem a sua escolha, eu posso dizer que isto porque não sou contra a sua opção de vida, digo isto por



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

conviver com uma pessoa assim transexual. Cada pessoa vive da maneira que achar melhor para si mesmo”;

“Uma pessoa que nasce com um sexo e tenta mudar durante o decorrer da vida e alguns fazem shows em casa noturnas para ganha a vida #amigos”.

Os últimos conhecimentos em análise demonstram uma noção relativamente aprofundada de alguns estudantes com o tema, constatando que os(as) alunos(as) entrevistados(as), vivem em si mesmos uma (des)construção do sistema social heteronormativo, com valores que por vezes são agregados, e que por muitas vezes não tem suas subjetividades entendidas. Podemos considerar esse comportamento observado como resultado da vivência ou não com pessoas transgênero/transexuais, tornando possível a empatia ou o afastamento desses (as) estudantes com a problemática.

CONCLUSÃO

Logo, o conhecimento sobre as questões ligadas a gênero e sexualidade ainda carecem de aprofundamento no ambiente escolar, assim muitos outros questionamentos nascem da inquietação promovida pela pesquisa. Concluimos que a busca por respostas dentro do tema abordado é incessante, e devido a isso continua movendo o discurso pedagógico e educacional na tentativa de construir de forma plural e democrática, as categorias incompreendidas existentes socialmente e culturalmente construídas.

REFERÊNCIAS:

ABREU, A. R.; PEREIRA, M. C.; SOARES, M. T; NOGUEIRA, N. **Orientação Sexual - Secretaria de Educação Fundamental**. Ministério da Educação, Brasília, 2001.

BARBOSA, Bruno César. **Nomes e Diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2010.

CARVALHO, M. E. P; ANDRADE, F. C. B de; JUNQUEIRA, R. D. **Gênero e diversidade sexual: um glossário** – João Pessoa: Ed. Universitária/ UFPB, 2009.

CASTRO, M.; ABRAMOVAY M. & SILVA, L. B. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília, Unesco, 2004.

Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais – CNCD/LGBT. **Resolução Nº 12, 16 de Janeiro de 2015**. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/sobre/participacao-social/cncd-lgbt/resolucoes/resolucao-012>>. Acesso em: 02 de setembro de 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade. A vontade de Saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DIAS, Maria Berenice. **União homossexual: aspectos sociais e jurídicos**. Revista brasileira de direito de família, n. 4, p. 7-13, 2001.

IBGE- **Instituto Brasileiro de Geografia Estática**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250110&search=||infogr%E>>. Acesso em: 02 de setembro de 2015.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Diretoria de Políticas de Educação em Direitos Humanos e Cidadania. Coordenação Geral de Direitos Humanos - CGDH/DPEDHUC/SECADI/MEC, **Nota Técnica nº 24/2015**. Brasília, 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

JUNQUEIRA, Rogério Diniz; CHAMUSCA, Adelaide; BRANDT, Maria Elisa; HENRIQUES, Ricardo (Orgs.). **Gênero e diversidade sexual: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: MEC, 2009

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista, Vozes, 1997.

PINTO, Maria Jaqueline Coelho. **A vivência afetivo-sexual de mulheres transgenitalizadas**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SOARES, Milene; FEIJÓ, Marianne Ramos; VALÉRIO, Nelson Iguimar; SIQUIERI, Carmem Lúcia S. Maia; PINTO, Maria Jaqueline Coelho. **O apoio da rede social a transexuais femininas**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 21, n. 48, p. 83-92, 2011.